

Fabelas

Poesia infantil para gente grande e
crianças

Herculano D.R. de Alencar
e
Alice Gabriella de Alencar

Nota do autor

Fabela no sentido literal significa uma pequena fábula.

Aqui, no contexto poético, tomei emprestado o vocábulo para acolher alguns poemas que fiz como releituras das fábulas de Esopo.

Alguns destes poemas são como uma nova roupa sobre os ombros de Esopo, outros ganharam uma nova moral da estória, por vezes totalmente diversa da original.

A ilustração foi feita por minha sobrinha **Alice Gabriella de Alencar (7 anos de idade)**, que, após a leitura dos poemas, criou as imagens conforme sua percepção e entendimento.

A cotovia

Fez o seu ninho a velha cotovia,
por sobre um pé de milho da lavoura.
A safra era muito promissora:
o milho, em espigas, florescia.

A velha cotovia já sabia
que sua casa estava por um fio:
o tempo de ouvir só mais um pio
do último filhote que nascia.

Ainda no início da colheita,
resignada, a velha ave aceita
e vai cantar em outra plantação.

E veio a chuva, e foi-se o estio...
a terra novamente entrou no cio
e a cotovia ensaiava outra canção.



A formiga e a cigarra

Escrava do trabalho, a formiga
não tem um só minuto de lazer.
Trabalha do plantio ao florescer,
até quase prostrar-se de fadiga.

Quem conheceu a fábula antiga,
que fala da formiga e da cigarra,
(quando o labor venceu a algazarra),
pensa: quem não trabalha, Deus castiga!

Pois eu vos digo, sem constrangimento,
que há um escorregão de entendimento
sobre a cigarra e sua cantoria.

Cantar é ter um dom da natureza:
o som que a cigarra, com certeza,
jamais há de perder a autoria.



A Raposa e a uva

Pulava a raposa, embevecida,
sob as sombras dos cachos da videira.
A noite já passava, quase inteira,
e nem uma só uva consumida.

A uva insinuante, oferecida...
impávida realça a beleza.
Quanto mais a raposa a deseja,
com mais beleza ainda é percebida.

E passa a noite, mas não cai a uva.
Nem mesmo com o vento ou com chuva
sequer um doce bago vai ao chão.

E queda-se a raposa, indiferente...
como quem mostra para o sol nascente
toda a certeza que terá seu grão.



O lobo e o cordeiro

—Não tenha medo, ó Gentil cordeiro!
Exclama o lobo em seu uivar antigo.
—Não tenha medo, pois não há perigo!,
eu sou um lobo bom e companheiro!

Mas como todo lobo é traiçoeiro,
o cordeiro baliu dissimulado:
—Deixa-me, pois, andar no teu costado
de onde possa ver teu corpo inteiro.

O lobo pôs-se em marcha, displicente...
mostrando ser um lobo diferente
do velho e traiçoeiro lobo mau.

Foi quando o cordeiro inocente,
por debaixo da lã mostrou os dentes
e deu-se, ao fim da estória, outra moral.



O príncipe encantado

—Vivo a coaxar meu sofrimento!
Lamenta o velho sapo noite e dia.
—Eu vivo nessas águas tão baldias,
à espera que me ouçam o lamento!

Por um milagre ali, nesse momento,
ouviu-se o sibilar de uma serpente:
—O que é que há, amigo, estás doente?
Do que será o teu padecimento?

—É que eu sou o príncipe encantado,
que foi, pela megera, enfeitado
e espera por um beijo de paixão.

E beija-o, consternada, a serpente
E o sapo desencanta... (e agora gente)
esmaga-lhe o guiso e o coração.



A lebre e a tartaruga

Dia de maratona na floresta:
a bicharada, toda reunida,
aguarda ordens para dar partida.
A fauna e a flora estão em festa!

A lebre se prepara pra corrida.
De superlebre é a sua fama.
A tartaruga, lenta e bela dama,
vai pra disputa quase já vencida.

E lá se foi a lebre, em disparada,
seguida ao longe pela bicharada
deixando a tartaruga na poeira.

A lebre, é claro, vence a corrida,
mas segue em marcha até o fim da vida
atrás de uma vitória verdadeira.



O lobo e a cegonha

A salvo de uma grave asfixia,
o pobre lobo inda convalesce.
Alguém no céu ouviu a sua prece
no estertor da triste agonia.

Engasgou-se enquanto degluti a
um elo da cadeia alimentar:
a caça que lhe serve de jantar
e que, teimosamente, não descia.

Foi salvo por um bico de cegonha,
que, com receio, mas sem-cerimônia,
pinçou-lhe o osso preso na goela.

Tornaram-se, assim, dois bons amigos,
mas a cegonha sabe dos perigos
de ter um lobo amigo perto dela.



O gavião e o aeroplano

Deus deu as asas para o gavião
e deu inteligência ao ser humano.
O gavião acorda e sai voando
e deixa o bicho homem aqui no chão.

O homem arquiteta um avião
e deixa o gavião à meia altura.
A inteligência faz a criatura
voar na rapidez de um trovão.

O gavião fareja a sua presa
e desce pelo instinto e pela fome.
O avião escuta um microfone
e desce pela mão que o maneja.

Um gavião decerto não almeja
voar mais alto que um avião.
Sábio, inteligente, de visão...
sabe: quem voa alto não fareja!



O corvo e a raposa

No alto, estava um corvo indolente
No seu preparo para a refeição:
uma lasca de queijo parmesão
furtada de um menino displicente.

Quando a raposa veio de repente
e pôs-se a desmanchar-se em elogios:
—como é sublime o teu cantar macio,
que bela pluma negra, reluzente!

—Canta pra que o mundo te aplauda!
O corvo abre o bico, ergue a cauda
e emite um corvejar de assombração.

Cai-lhe do bico o queijo nessa hora,
vem a raposa come, vai embora
e deixa no seu rastro uma lição.



A borboleta e a centopeia

Voava a borboleta imponente
por entre flores rubras, amarelas...
A centopeia, entre as flores belas,
cumpria seu trajeto, diligente.

—Oi, centopeia! (acena com desdém)
quanta beleza vês tu por aí?

—Vejo uma sombra logo atrás de ti,
não sei ao certo donde ela vem!

Como um raio, fração de alguns segundos,
um passarinho, vindo doutro mundo,
pegou-a e com ela foi ao chão.

A centopeia sai do seu caminho,
crava o ferrão, sem dó, no passarinho
e assim destrói a sombra da paixão.



A cegonha e Adão

—Como nasci, papai? Pergunta o filho.

O pai, sabidamente, lhe responde:

—Uma cegonha veio lá de longe e, por ordem de Deus, lhe trouxe, filho.

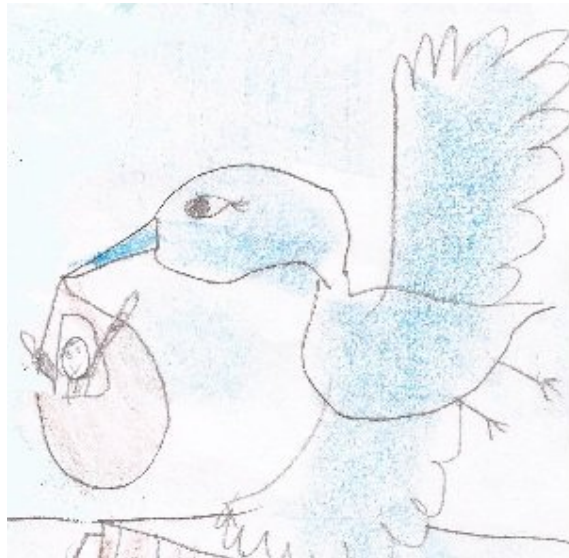
—Mas, pai, essa cegonha mora onde?

O pai sorri seu riso paciente...

—Mora no céu, filhinho, onde a gente há de morar um dia bem distante.

O filho então medita alguns instantes e lança um olhar desafiante, como quem duvidasse da questão:

—Não sei papai, não sei...inda duvido, que esta cegonha tenha concebido o sêmen ejaculado por Adão.



A galinha dos ovos de ouro

Um camponês colhia, todo dia,
um ovo d'ouro de sua galinha.
Era tão pouco pro que lhe convinha,
que resolveu abrir uma franquia.

Comprou um nobre galo na vizinha,
gastou bem muito mais do que podia.
Embora fosse caro, ele entendi a
fosse barato, pro que lhe convinha.

E veio um ovo com anomalia.
E veio outro ovo... e a cada dia
era mais ovo sem fecundação.

Pois é que o galo, vil capitalista,
no afã de cobrar taxa pela crista,
cobria a galinha a prestação.



A raposa e político

Uma raposa entrou no parlamento,
perdida, que estava, por engano.
Saiu da selva, já fazia um ano,
a fim de organizar um movimento.

Como qualquer raposa, tinha um plano
pra enganar os outros animais.
Vestiu-se de cordeiro e tudo mais...
e este foi seu último engano.

Havia um parceiro no plenário:
um velho lobo, vil e sanguinário,
que tinha lá, seus planos pessoais.

Ele também se veste de cordeiro,
mas por ser mais sabido e traiçoeiro,
proclamou-se o rei dos animais.



A rosa e o espinho

Um dia uma flor bela e formosa
tentou menosprezar o seu espinho:

—Que fazes tu aí no meu caminho!?

Não vês que não perfumas como rosa!?

Caía a tarde, um tanto preguiçosa,
tangendo o perfume pro ocaso...

A rosa continua o pouco caso,
zombando, do espinho, presunçosa.

Até quem um beija-flor-bico-vermelho

Chamou sua atenção e deu conselho:

—Tu deves ao espinho gratidão.

— Verga teu talo em tom de reverência,
não fosse essa discreta saliência
e tu não passarias de um botão.



A raposa e o galo

—Tudo na santa paz! A raposa grita
ao ver, bem lá no alto, um velho galo.
—Não tenha medo não, não vou caçá-lo.
Bendita seja a paz... seja Bendita!

O galo esperto finge que acredita
e se prepara pra descer do galho.
Faz meia volta, como um ato falho:
—bendita seja a paz... seja bendita!

—Que foi, amigo, viu alguma coisa?
Indaga intrigada a raposa.
—Acho que sim... talvez uma matilha!

A raposa assustada vai embora.
E o velho galo afia a velha espora,
à espera de uma nova armadilha.



A serpente e a maçã

Dizem que a maçã já foi um dia
o pomo da discórdia e do pecado.
Dizem que se alguém fosse apanhado
tentando alcançá-la, enfrentaria

a fúria do Pai, o Criador,
nas presas de um réptil voraz:
a própria encarnação de satanás,
que molda a face oculta do Senhor.

Um dia, um pagão inconsequente
secou todo o veneno da serpente
e revolucionou a criação:

Abriu, no pomo, o talho vertical,
que em nome do pecado original,
pariu os descendentes de Adão.



O galo machão

Era uma vez um filho de galinha,
guerreiro implacável, destemido,
que nunca por ninguém fora vencido:
temível lutador das sete rinhas!
Vivia o guerreiro, feito rei,
cocoricando a sorte noite e dia.
Tratava a morte qual filosofia
e sua espora era a sua lei.

Até que um dia queda apaixonado
de pena, bico, unha, esporão...
Daí a sua fama de brigão,
também ruir com ele lado a lado.
O filho de um ovo mal galado,
famoso carijó de sete rinhas,
foi condenado por uma galinha
a só cocoricar a seu mandado.
Soubesse que essa sorte fosse a minha
e eu jamais teria me casado.



O cão capitalista

Era um belo cão! Tinha pedigree!
Seu dono (um burguês de pouca idade)
vivia, qual um poço de vaidade,
de tênis Nike, blusa e calça Lee.
E lá se ia ele, aqui, ali...
a exhibir o cão, qual joia rara:
Corrente e coleira das mais caras
vaso grã-fino pra fazer xixi...

Um certo dia houve um cão vadio
que por ali vagava, na esperança
de algum osso pra encher-lhe a pança,
algum abrigo pra matar-lhe o frio...
quando encontrou o cão e seu burguês:
—Au! Ladrou o vira-lata admirado,
mas só o que ouviu do outro lado
foi o desprezo surdo e a mudez.

Passaram-se os anos e o burguês
ruiu numa desgraça financeira:
perdeu seu patrimônio, a coleira...
o vaso de xixi, a altivez...
Seu belo cão-amigo "deu nas patas"...
ganhou a rua sem olhar pra trás.
Hoje ele ladra, e mijá, e come, e faz
tudo o que faz um velho vira-lata.



A formiga e o poeta

—Vá trabalhar, senhor desocupado!
Ralhava a formiga com o poeta.
—Vá produzir, pois que a morte é certa,
já chega de viver alienado.

O homem se manteve bem calado,
como se meditasse uma resposta,
mas a formiga, como diabo gosta,
sem dó, atormentava o coitado:

—Lembra a cigarra morta pela fome!
Ela pensava feito todo homem,
que faz do ócio a sua obra prima.

O poeta, dedo em riste pra formiga,
fala solenemente: —Minha amiga,
vê se te liga e vá tomar na rima.



O Passarinho, o sol e a lua

Voava um passarinho displicente
no céu de uma manhã ensolarada,
quando escutou, do sol, a voz a cansada
a lhe pedir um preito muito urgente:

—Imploro, ó meu pequeno mensageiro,
que voes noite adentro até a lua
e que lhe diga assim, que o sol cultua
seus raios de luar tão verdadeiros...

O pássaro seguiu obediente,
num voo raso rumo ao sol poente,
até o véu da noite lhe cobrir.

Foi quando ouviu, da lua, a voz tristonha
a lhe dizer que morre de vergonha
de ser só um espelho a refletir.



A coruja e o gavião

—Bom dia gavião, por que vagueias?

—Eu caço pra matar a minha fome.

Quisera ter nascido bicho homem
e os outros serviriam como de ceia!

Nervosa, a coruja titubeia
e num chilreio pede ao gavião:

—Compadre, por favor, meus filhos não,
pois são os mais bonitos da aldeia!

—Não vês que eu só como as mais feias!?

Talvez por isso vá morrer de fome!?

Por que eu não nasci o bicho homem!?

A coruja, com dor no coração,
oferece-lhe um ovo em gestação:

—Melhor perder um filho a ver-te homem!



A rosa e o colibri

—Ai! Diz a rosa para o beija-flor.
Por que eu não nasci um colibri?
Poder voar... poder sair daqui...
de galho em galho beijando outra flor?

—Sinto inveja, ciúme até, de ti.
Responde o colibri desapontado.
—Fosse uma rosa... ando tão cansado...
daria tudo pra ficar aqui!

—Dou minhas asas pelo teu perfume!
Voa pra longe, leva o teu queixume,
que tomarei, feliz, o teu lugar.

A flor alada em voo colorido,
inda que bela, tinha esquecido,
que florescia sem saber beijar.



Papai Noel sem renas

Era um papai Noel desempregado!
Bateu à porta de uma catedral
atrás de um presente de Natal,
pra dar a um menor abandonado.

Abriu-lhe a porta um bispo renomado
e abençoou o velho pai Noel:
—Terás, meu filho, teu lugar no céu
e viverás com Deus sempre ao teu lado.

O velho pai Noel, resignado,
agradeceu ter sido abençoado
e retornou à lida, persistente...

A barba branca fez-se encardida...
viveu a procurar por toda vida,
até ganhar a morte de presente.



O sapo e o escorpião

—Ah! que tristeza não saber nadar!
Lamenta para o sapo, o escorpião.
—Quisera ser um sapo, meu irmão!
Poder por estas águas navegar.

O sapo pensativo, a coaxar,
resolve ajudar o escorpião:
—Venha comigo, preste atenção!
E pôs-se a ensiná-lo a nadar.

—Que alegria é saber nadar!
Exclama alegremente o escorpião.
Não quero mais ser sapo, quero não!
Já posso, por mim mesmo, navegar.

E então... dando patadas... devagar...
recorda pra que serve o seu ferrão.



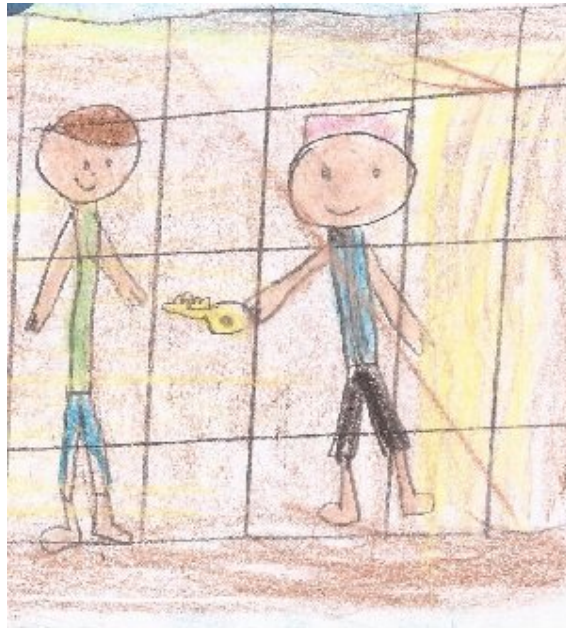
O poeta andarilho

De mendigar palavras pelas ruas,
vivia um poeta andarilho.
Aqui e ali juntava um sonetinho
com rimas, que jamais seriam suas.

Passaram muito sóis e muitas luas,
até que um poeta do Parnaso
cruzou com o pobre homem, por acaso,
e deu-lhe de presente uma gazua:

—Eis a chave de todos os sonetos!
Se a usares bem, eu te prometo,
encontrarás o estro do poeta.

Cumpriu o andarilho a sua parte,
até que descobriu, na própria arte,
que o vate lhe deixou a porta aberta.



O camaleão e o poeta

—Eu sei mimetizar a natureza!
Disse o camaleão a um poeta.
—Eu mudo a minha cor na hora certa
de ser um predador ou uma presa.

—E tu, que és poeta, com certeza
também sabes mudar a tua cor.
—Ora, camaleão! Faça o favor!
Poeta não tem cor, tem sutileza.

—Poeta é a presa, o predador,
a caça, a armadilha, o caçador,
o tiro, o abate, a munição...

—Poeta é poeta, nada mais!
O bicho, dentre todos os animais,
que sabe imitar camaleão.



A caça e o caçador

A mira na cabeça... o caçador
aperta o gatilho... O ribombo!...
Na pele colorida vê-se um rombo
e a morte pinta o quadro doutra cor.

A fauna extasiada vê o tombo
e a réstia enfumaçada na culatra.
O chumbo expelido, cor de prata,
estanca o sangue quente, feito trombo.

O caçador, assim, protagoniza
(enquanto a caça inerte agoniza)
a besta-humana em todo esplendor...

Era uma ave fêmea em gestação:
uma simples pavoia sem pavão,
na mira eventual de um caçador.



O poeta órfão

Vivia um poeta apaixonado,
a derramar seus versos pelo mundo.
Um bardo de lirismo tão profundo,
que parecia um príncipe encantado.

Como qualquer poeta enamorado,
já quase não dormia, não comia...
Seu alimento era a poesia,
seu leito, um soneto inacabado.

Um dia, a vasculhar pelo soneto,
sentiu esmorecer dentro do peito
o ânimo, a verve, a lucidez...

A mente foi tornando-se confusa...
e, num delírio, viu todas as musas
morrerem, todas elas, de uma vez.



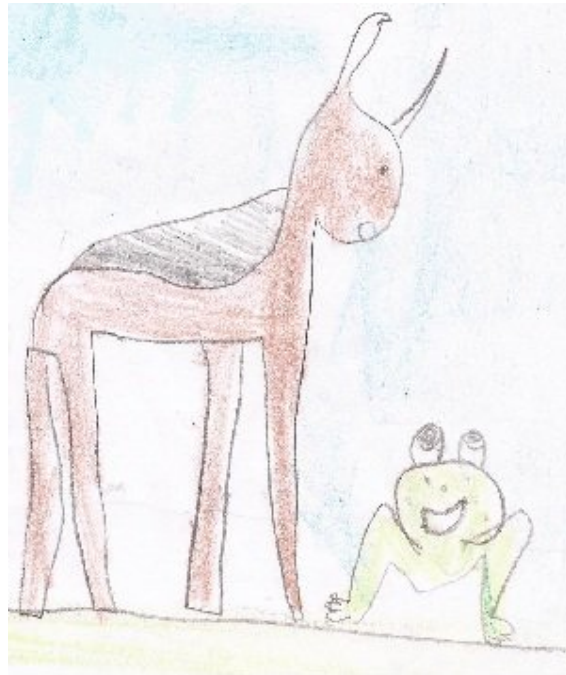
O sapo e o boi

Há muito tempo existiu um boi,
que era belo, alto e imponente.
Fazia bem o tipo dessa gente,
que passa por você dizendo: oi!

Havia um sapo muito inteligente
que pretendia ser um sapo-boi.
Do mesmo modo ele falava: oi!
pra qualquer um que via pela frente.

Em sendo um sapo muito exigente
queria ser tão grande quanto o boi.
E foi inchando, e foi inchando, e foi
ficando pouco a pouco diferente,

até se confundir com essa gente,
que nunca fala e nem responde: oi!



O vaga-lume e o poeta

Vagava o poeta no sonoite,
quando avistou a luz de um vaga-lume.
Colheu um cravo, quase sem perfume,
e pôs-se a caminhar... enquanto a noite

caía preguiçosa sobre o cume
(o cimo da montanha adormecida),
talvez a olvidar da própria vida,
ou pra fazer o sol sentir ciúme.

O vaga-lume pousa sobre a flor
e pede ao poeta por favor,
deixá-lo descansar por um segundo.

—Mas esta flor não tem nenhum perfume!

—Não me importo, diz o vaga-lume,
pois eu também não tenho a luz mundo!



O rato e leão

E lá se foi o rato descuidado
cair por sob a pata do leão!
De tanto que pediu por compaixão,
o rei cedeu aos guinchos do coitado.

Ergueu-se o rato, lépido, do chão
e pôs-se, mata adentro, o mais ligeiro...
Não fosse o rei leão um cavalheiro,
o rato não teria salvação.

Anos depois , em pleno picadeiro,
finge o rei leão ser verdadeiro
o urro que assusta a multidão.

No mesmo ato, um rato equilibrista
garante o cachê dos dois artistas
co'a arte milenar da gratidão.



FIM